

# Empresários e economistas apóiam a proposta de um Estado menos forte

por Sergio Leopoldo Rodrigues  
de São Paulo

O discurso do presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), feito ontem no Senado foi visto por economistas e empresários como uma sinalização de que é preciso haver sintonia entre Executivo e Legislativo para garantir as mudanças necessárias para dar continuidade ao Plano Real. "O discurso teve um perfil liberal. E serviu para mostrar que ele (Cardoso) quer o Congresso nessa direção", disse o economista Juarez Rizzieri, coordenador do IPC-Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) da USP.

A idéia de que Cardoso deseje um Estado menor e mais forte para atuar apenas onde houver falha, ineficiência ou omissão do mercado é partilhada por Rizzieri e pelo presidente da Brastubo Construções Metálicas S.A. e da Companhia Paulista de Desenvolvimento (CPD), Aldo Narcisi. "O caminho é esse e tem nosso apoio. Mas será um caminho árduo, pois será preciso obter o apoio da população para essas mudanças", acrescentou Narcisi,



Juarez Rizzieri

si, lembrando que persiste no Brasil um forte corporativismo "que precisa ser superado". Trata-se de uma luta que não poderá ser vencida apenas pelo novo presidente, mas pela sociedade que terá que se imbuir dessas idéias".

Idéias consideradas "coerentes com as necessidades do Brasil e com o discurso de campanha", segundo o empresário Ruy Altenfelder, da diretoria da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Altenfelder argumenta

que o presidente eleito vem cumprindo rigorosamente sua proposta de mudança da economia desde o tempo em que era ministro da Fazenda. "Agora, ao assumir o governo, ele terá que implementar a fase das reformas estruturais, que vão mexer na Constituição. E o Congresso terá parte e responsabilidade nisso", salientou Altenfelder.

O Congresso é visto como parte chave para as reformas. "Ele terá que entender essas mudanças. Por um motivo simples: porque elas estavam no programa eleitoral de Fernando Henrique Cardoso que foi sancionado pela sociedade no voto", ressaltou o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FCESP), Abran Szajman. A sensibilidade dos parlamentares eleitos para o próximo mandato, entendeu Szajman, deve estar atenta para essa mudança de mentalidade da população brasileira. "Não será possível esquecer esse anseio social", observou.

Daí o discurso do futuro presidente ter despertado otimismo. "Porque sobretudo ele deixou claro o que quer", afirmou o presidente do Conselho Federal de Economia, Sideval Aroni. E o que Fernando Henrique quer, esclareceu Aroni, coincide com as expectativas da sociedade durante o processo eleitoral para presidente neste ano. "O reconhecimento

to da falência do setor público para investir e suprir as demandas da população por bens e serviços básicos, como transporte, saneamento básico, educação, saúde, etc. Coisas que estavam no discurso de campanha", salientou Aroni.

Para satisfazer essas expectativas somente a reforma do Estado, defendida no discurso de ontem, assume papel fundamental. "Feito isso não faltarão capitais internos e externos dispostos a investir no Brasil", acrescentou Altenfelder. "E investimento em infra-estrutura é o mesmo que tornar o País competitivo no processo de globalização, tão bem centrado pelo futuro presidente", insistiu Narcisi. Todos concordam com Fernando Henrique de que é preciso ser rápido no processo de privatizações, de flexibilização dos monopólios e abertura para o capital privado participar em regime de parceria nos serviços públicos. "Esses são pontos que irão concretizar os planos do futuro presidente em recolocar no plano internacional", afirmou Szajman. Para ele, 1995 será um ano de mudanças, mas "mudanças positivas, sem sobressaltos", como tem mostrado a prática de Fernando Henrique. "E Fernando Henrique não esquece dos graves problemas sociais que temos hoje no Brasil", concluiu Szajman.